

O ENTRUDO DA NOSSA VIDA - I



Eu tinha na minha mente, quando imaginei este texto, dedicar ao nosso Primeiro Ministro, à sua equipa e a uns quantos de Putas, desculpem, o cursor não funciona, Deputados da Nação, um texto de Bertold Brecht, mas o raio da minha biblioteca está um caos e não encontrei o livro que pretendia. Antes que a ideia se me varra da memória vou continuar o que aqui me trouxe, várias coisas, embora só fale de algumas e para substituir aquele poeta serve-me muitíssimo bem este outro, de nome Manuel António Pina que em 2011 ganhou aquela coisa “*insignificante*” chamada Prémio Camões... (o que aconteceu às crónicas do Pina, no Jornal de Notícias, alguém me sabe dizer?...que já só leio metade do pasquim e dessa metade a outra metade é sem os óculos...e sem óculos não leio nada...) e na

ta a Mário Cesariny no dia da sua morte”

começa com estes quatro versos:

“Hoje soube-se uma coisa extraordinária, / que morreste, talvez já to tenham dito, / embora o caso verdadeiramente não / te diga respeito, e seja assunto nosso, vivo.”

(
in “*Como se desenha uma casa*” -2011
)

Pois dedico, com a devida vénia ao autor, que me desculpará pelo pobre destino que dou ao seu talento, estes quatro versos ao nosso Primeiro Ministro. Sei que será maçada grande comprar o livro por inteiro e ler toda a “*carta*”, mas enfim, se como noutros tempos outro grande estadista a propósito de uma obra de outro grande escritor (que mais tarde viria a ser apenas e também essa coisa “*insignificante*” a que chamam Prémio Nobel...) se ficar pela oitava página já não será muito mal. Pelo menos ficará a saber a ficha técnica e a dedicatória que a oitava está em branco e sempre poderá escrever lá alguma coisa para poupar papel ao erário público... Que isto da morte, pode crer senhor Primeiro Ministro, é mesmo assunto nosso. E vivemos e havemos de continuar a viver para lá da própria morte.

Olhe, pode começar por perceber a morte do Entrudo. Não a morte da folga. A morte da coisa em si mesmo. Morre todos os anos há centenas ou milhares de anos. Acha que vai sobreviver à sua morte?! *“Mata as tradições e quer o Povo na mão / Ou é burro, ou é aldrabão!”*

Hoje estou virado para este lado. O das palavras transformadas em poesia e deparei-me com esta delícia que também lhe dedico, aos seus ministros e a uns quantos de capangas de sua senhoria lá naquela coisa a que, por respeito, ainda chamamos Assembleia da República: *“Dou as palavras, / não como flor / para sorver o aroma / unicamente; / Dou as palavras / como uma faca / para cortar o pão / de toda a gente.”*

(Edgar Carneiro, in
“A faca e o Pão”
, 1981)

Cortar o pão de toda a gente...mas não, prefere cortar o pão de apenas alguma gente e preferencialmente o pão de quem já nem é gente por tanta míngua e fome que volta a passar depois de ter sonhado *“fascismo nunca mais”!*

Mas oiça lá, senhor Primeiro Ministro, não pense que por se repetir vezes sem conta que *“nós não somos como a Grécia”*
Portugal não se venha a transformar numa Grande Grécia!

Como se diz cá na minha terra, *“não se estique que a corda é curta”* e olhe que já se esticou demais! Se não sabe, nem tem tempo para ler um pouco da história deste país, peça aí a um qualquer *“asppone”*

(tradução:

assessor para porra nenhuma

... não fui eu que inventei, mas adoro!) dos muitos gabinetes que tem, que lhe faça um resumo e lhe vá lendo aos poucos. Esse Povo que quer do seu lado é o mesmo que sempre foi capaz de derrotar os ditadores, os exploradores e os mentirosos!

Pronto, como estava quase a chegar ao Hino Nacional *“contra os canhões / marchar, marchar.”* eis que me trazem aqui de mão beijada o tal poema com que queria ter começado mas que também serve para finalizar.

Aí vai, senhor Primeiro Ministro e leia-o com muita atenção, que parece escrito ontem.
Substitua alguns nomes por outros que também vamos conhecendo, por exemplo
“Führer”
por... isso o senhor sabe!

“Dificuldade de governar

1

*Todos os dias os ministros dizem ao povo
Como é difícil governar. Sem os ministros
O trigo cresceria para baixo em vez de crescer para cima.
Nem um pedaço de carvão sairia das minas*

*Se o chanceler não fosse tão inteligente. Sem o ministro da Propaganda
Mais nenhuma mulher poderia ficar grávida. Sem o ministro da Guerra
Nunca mais haveria guerra. E atrever-se ia a nascer o sol
Sem a autorização do Führer?
Não é nada provável e se o fosse
Ele nasceria por certo fora do lugar.*

2

*E também difícil, ao que nos é dito,
Dirigir uma fábrica. Sem o patrão
As paredes cairiam e as máquinas encher-se-iam de ferrugem.
Se algures fizessem um arado
Ele nunca chegaria ao campo sem
As palavras avisadas do industrial aos camponeses: quem,
De outro modo, poderia falar-lhes na existência de arados? E que*

*Seria da propriedade rural sem o proprietário rural?
Não há dúvida nenhuma que se semearia centeio onde já havia batatas.*

3

*Se governar fosse fácil
Não havia necessidade de espíritos tão esclarecidos como o do Führer.
Se o operário soubesse usar a sua máquina
E se o camponês soubesse distinguir um campo de uma forma para tortas
Não haveria necessidade de patrões nem de proprietários.
E só porque toda a gente é tão estúpida
Que há necessidade de alguns tão inteligentes.*

4

*Ou será que
Governar só é assim tão difícil porque a exploração e a mentira
São coisas que custam a aprender?”*

F. Lopes, 17 de Fevereiro de 2012.